

Autoconstrução sógnica de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: a mediação que envolve o afeminado no aplicativo *Grindr*

Ettore Stefani de Medeiros | ettoremedeiros@gmail.com
Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

resumo

O *Grindr* é um aplicativo de encontros afetivo-sexuais majoritariamente utilizado por homens, que investem em autoconstruções sógnicas em seus perfis a fim de atraírem possíveis parceiros. Emergem nestes perfis diferentes masculinidades, sobretudo marcadas pela fronteira entre o afeminado e o macho. Nosso objetivo é investigar a semiose que envolve a figura do afeminado no *Grindr*. Ancorados na semiótica peirciana, valemo-nos do conceito de mediação como operador analítico-metodológico, pensando de que modo a ação sógnica dos perfis desencadeia processos de significação ligados ao tipo de masculinidade em questão. Em nossa análise qualitativa de 9 perfis, notamos que o signo afeminado, em sua dimensão verbal e visual, é tido como frágil e passivo, alguém que não cuida de si e fracassa na gestão de sua virilidade. Contrariamente, esta figura também desperta outros interpretantes, menos recorrentes no aplicativo, em que a existência do afeminado é lida como contestadora, política, subversiva e livre.

Palavras-chave: Afeminado. *Grindr*. Mediação. Signo. Masculinidades.

abstract

Grindr is a gay dating and hook-up app, whose users invest in signic self-constructions profiles in order to attract potential partners. In these profiles, different masculinities emerge, from the effeminate gay to the macho guy. Our aim is to investigate the semiosis involving the effeminate figure in Grindr. Anchored in peircian semiotics, we use the concept of mediation as an analytical-methodological operator, thinking how the signic action of the profiles triggers processes of signification linked to the type of masculinity in question. In our 9 profiles qualitative analysis, we noticed that the effeminate sign, in its verbal and visual dimensions, is considered as fragile and bottom, someone who does not take care of himself and fails to manage his virility. This figure also awakens other interpretants, less recurrent in the app, in which the effeminate existence is understood as contentious, political, subversive and free.

Keywords: *Effeminate. Grindr. Mediation. Sign. Masculinities.*

O Grindr e a construção sógnica de si

O *Grindr* é um aplicativo de encontros afetivo-sexuais utilizado majoritariamente por homens. Assim que um usuário o baixa, há um convite para criação de seu perfil, formado por foto principal, *nickname*¹, *headline*², descrição e campos pré-estabelecidos, como peso, altura, estado civil e preferências sexuais. A construção sógnica de si, de suas características e de seus atributos oferece aos outros a possibilidade de entender se aquele usuário é atraente ou não a ponto de que uma interação via *chat* tenha começo, se é digno ou não de receber mais fotos e, quiçá, *nudes*³. Fator também determinante para que diálogos sejam iniciados é a distância que um usuário está do outro. Por valer-se da tecnologia de *GPS*⁴, o *Grindr* agrupa no topo de sua interface os usuários mais próximos do perfil conectado, o que facilita que encontros face a face se efetivem.

A dimensão mais enaltecida no serviço tecnológico é a visual: basta se conectar para ter acesso a dezenas de fotos de usuários que exibem recortes de seus peitorais, de seus braços, de seus rostos, de seus pênis demarcados sob cuecas. A repetição de imagens é evidente, de modo que parece haver critérios estéticos que orientam as autoconstruções dos usuários. Tais critérios ligam-se a signos de masculinidades, performance sexual, ideal de saúde e beleza, daí a importância da escolha de uma boa foto principal: os usuários constroem-se sógnicamente no *Grindr* a fim de causarem uma impressão interessante e interessada.

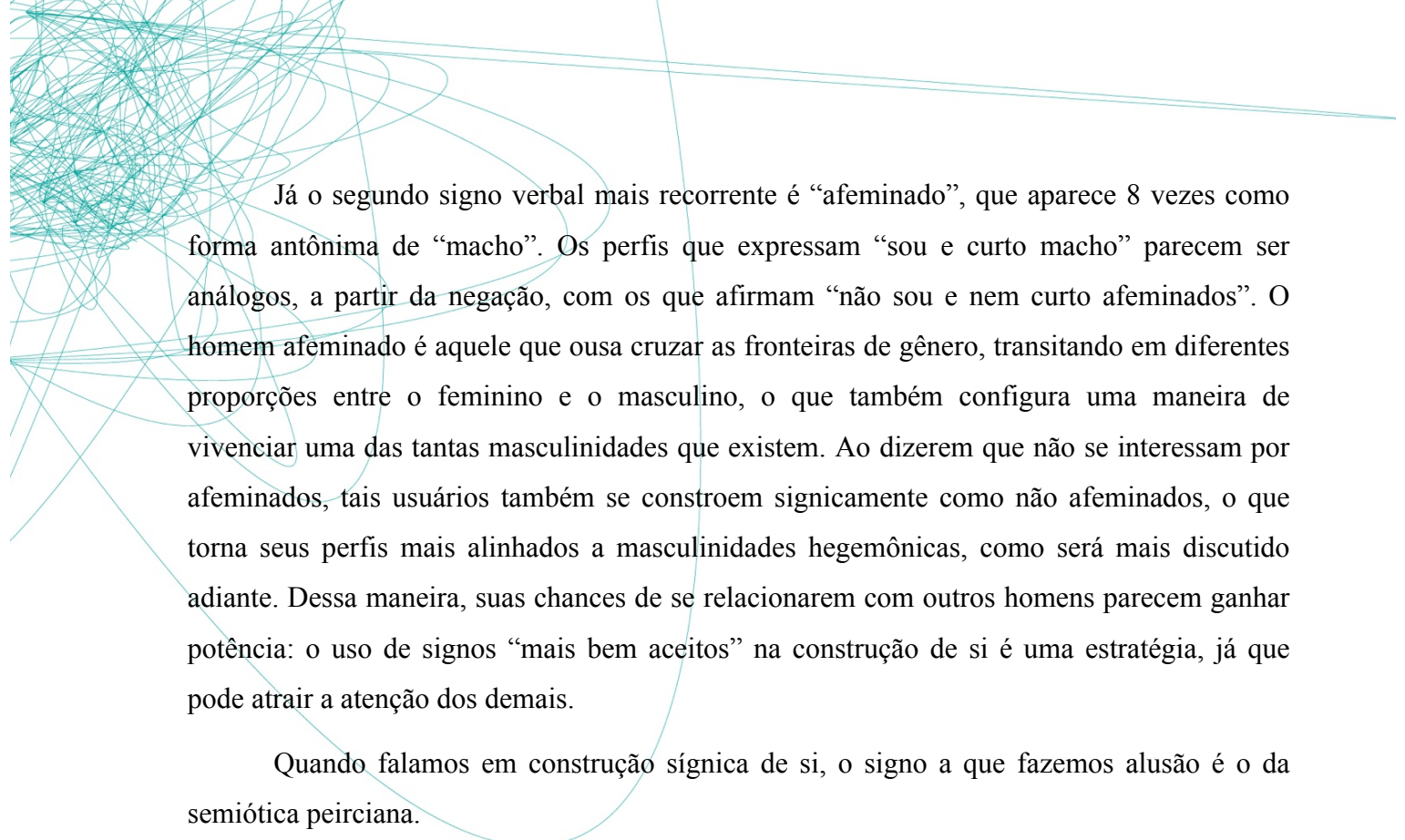
A dimensão verbal também tem grande valor, uma vez que ela pode dizer o que um usuário é ou não, o que ele deseja ou não. Em nossa coleta, as duas palavras que aparecem com mais frequência nas descrições do *Grindr* são “discreto” e “afeminado”. “Discreto” foi encontrado 18 vezes conformando a ideia de que a homossexualidade e/ou relações entre homens devem ser vividas discretamente, sem que os outros a percebam: “Rola de boa desde que o cara seja discreto e sigiloso”; “Discreto em busca do mesmo tipo”; “Tem que ser discreto”. Desejar um discreto parece ser, ao mesmo tempo, expressar-se como discreto, um signo socialmente atribuído ao masculino hegemônico, ao homem que é viril e não ligado ao feminino (BONFANTE, 2016).

¹ Do inglês, significa apelido. É o nome que o usuário dá a si quando completa o seu perfil, fazendo parte da construção sógnica de si.

² Do inglês, significa cabeçalho. É um pequeno espaço, menor que a descrição, em que o usuário fala sobre si, também fazendo parte de sua construção sógnica.

³ Nudes são fotos em que os usuários mostram-se sem roupa, normalmente tiradas pelos próprios usuários com celulares e com a câmera reversa. Esta é uma expressão recorrente nos usos do *Grindr*.

⁴ Do inglês, significa “Sistema de Posicionamento Global”, tipo de tecnologia que permite localização via satélite.



Já o segundo signo verbal mais recorrente é “afeminado”, que aparece 8 vezes como forma antônima de “macho”. Os perfis que expressam “sou e curto macho” parecem ser análogos, a partir da negação, com os que afirmam “não sou e nem curto afeminados”. O homem afeminado é aquele que ousa cruzar as fronteiras de gênero, transitando em diferentes proporções entre o feminino e o masculino, o que também configura uma maneira de vivenciar uma das tantas masculinidades que existem. Ao dizerem que não se interessam por afeminados, tais usuários também se constroem significativamente como não afeminados, o que torna seus perfis mais alinhados a masculinidades hegemônicas, como será mais discutido adiante. Dessa maneira, suas chances de se relacionarem com outros homens parecem ganhar potência: o uso de signos “mais bem aceitos” na construção de si é uma estratégia, já que pode atrair a atenção dos demais.

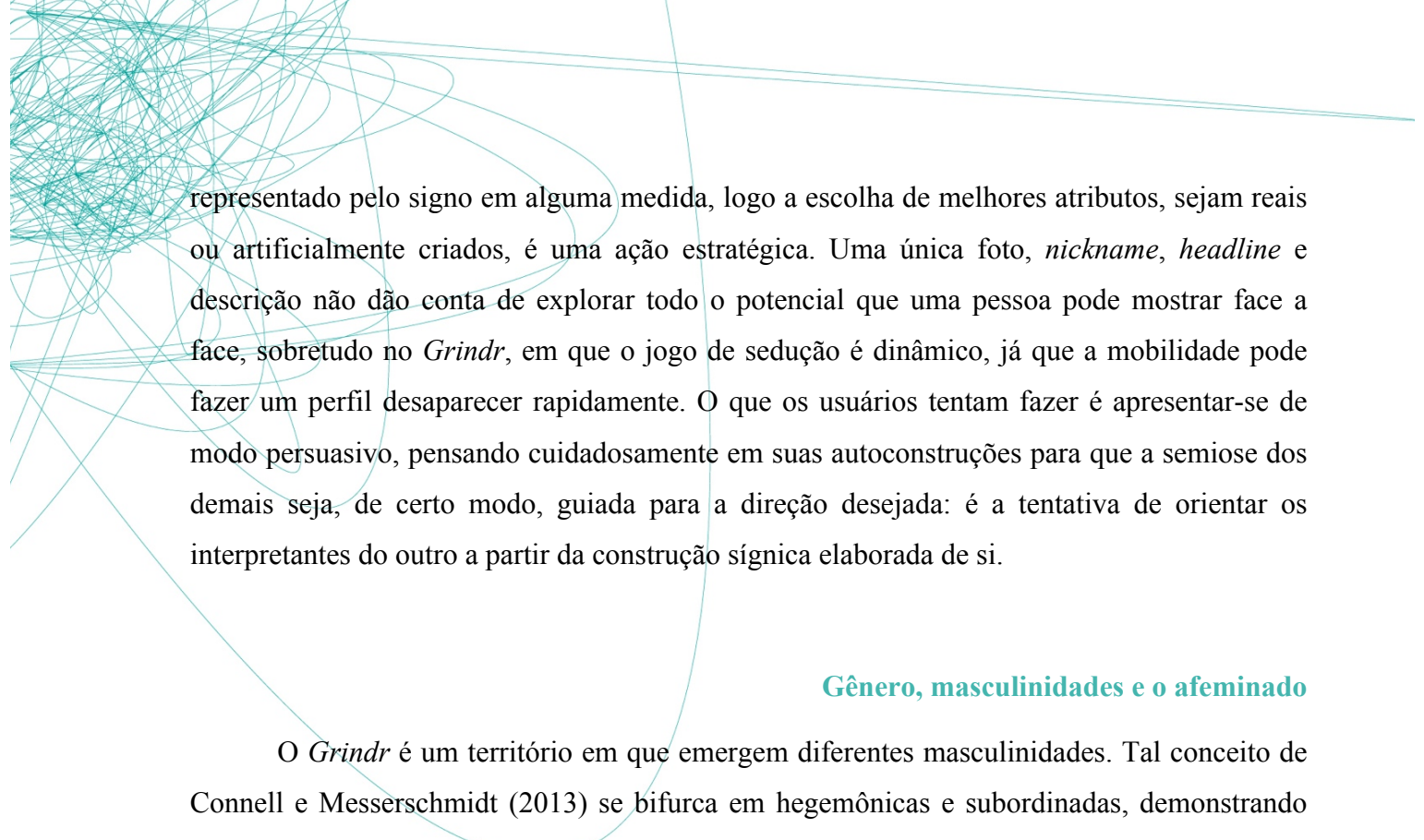
Quando falamos em construção signica de si, o signo a que fazemos alusão é o da semiótica peirciana.

Um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen (PEIRCE, 2000, p. 46, CP 2228).

Colapietro (2011), ao valer-se de Peirce, nota que o signo também tem papel de *medium*, ou seja, é um meio de comunicação. A semiose é, pois, um processo de mediação, cuja ação do signo é fundamental para que haja uma ponte entre objeto e interpretante, de tal maneira que um processo cognitivo⁵ se manifeste a partir da relação desses elementos, a tríade peirciana: objeto-signo-interpretante (SANTAELLA; NÖTH, 2004).

No *Grindr*, a foto do perfil é um meio de comunicação que transporta aparências, masculinidades, preferências sexuais, questões subjetivas de um usuário, as quais, embora não existam elas próprias materialmente, aparecem no signo e geram processos de significações por meio de outros signos mais desenvolvidos, os interpretantes. Nesse sentido, “[o] ator social reflete sobre seu repertório de recursos semióticos e mobiliza signos que passam a representa-lo. Estes signos que ele mobiliza não apontam para o autor mas para características – ou até desejos de características – dele mesmo” (BONFANTE, 2016: 199-200). O usuário enquanto objeto dinâmico, ou seja, objeto mediato que está fora do signo, só pode ser

⁵ Por este ser um estudo de comunicação social, a semiótica de que tratamos aqui é a humana, que envolve processos cognitivos.

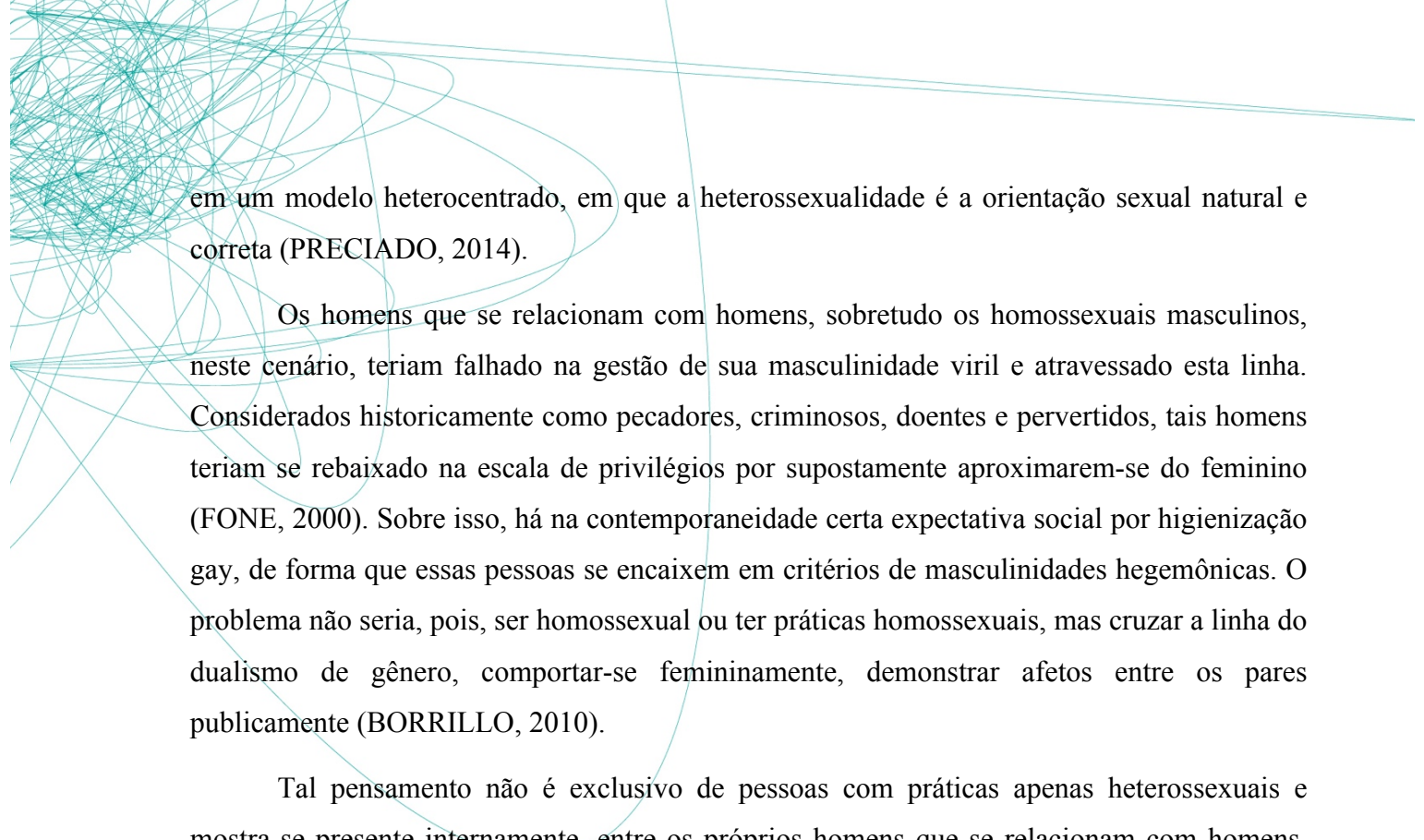


representado pelo signo em alguma medida, logo a escolha de melhores atributos, sejam reais ou artificialmente criados, é uma ação estratégica. Uma única foto, *nickname*, *headline* e descrição não dão conta de explorar todo o potencial que uma pessoa pode mostrar face a face, sobretudo no *Grindr*, em que o jogo de sedução é dinâmico, já que a mobilidade pode fazer um perfil desaparecer rapidamente. O que os usuários tentam fazer é apresentar-se de modo persuasivo, pensando cuidadosamente em suas autoconstruções para que a semiose dos demais seja, de certo modo, guiada para a direção desejada: é a tentativa de orientar os interpretantes do outro a partir da construção sógnica elaborada de si.

Gênero, masculinidades e o afeminado

O *Grindr* é um território em que emergem diferentes masculinidades. Tal conceito de Connell e Messerschmidt (2013) se bifurca em hegemônicas e subordinadas, demonstrando que os modos de ser homem são socialmente hierarquizados, o que dá maior valor a usuários que se aproximam de ideais dominantes. Tais masculinidades parecem condicionar em alguma medida a autoconstrução sógnica nos perfis do *Grindr*, sendo praticadas em um exercício de sedução. Comportamentos viris e discretos bem como corpos magros e musculosos, por exemplo, aparecem em diversos perfis como requisitos, como características dominantes próprias e desejadas. Por outro lado, manifesta-se o inverso em outros perfis, em que comportamentos centrados na heterossexualidade são questionados e criticados. Há, assim, no *Grindr* um campo de tensão entre masculinidades hegemônicas, mais ligadas à figura do macho, e subordinadas, mais conectadas à figura do afeminado.

Tratar de masculinidades requer também fazer uma breve discussão sobre gênero. Historicamente, homens e mulheres foram construídos como seres antagônicos, de modo que se formou o imperativo biológico (WEEKS, 1998). Os órgãos tidos como sexuais são definidores anatômicos não apenas dos sexos dos sujeitos, mas de suas identidades de gênero e orientações sexuais. Pênis e testículos “bem formados” constituíram-se como equivalentes de ser homem heterossexual e a vagina e os ovários, de ser mulher heterossexual. Pela lógica do dualismo de gênero, apoiada em perspectivas religiosas, estatais, científicas, morais e políticas, a mulher é inferior ao homem. Por consequência, também o é o feminino. Dualismo de gênero e imperativo biológico, juntos, são partes de técnicas de controle, disciplinamento e correção de corpos, sobretudo os vistos como desviantes. Naturalizou-se que não se deve cruzar a linha que separa dicotomicamente o feminino do masculino, linha que tem seu apoio



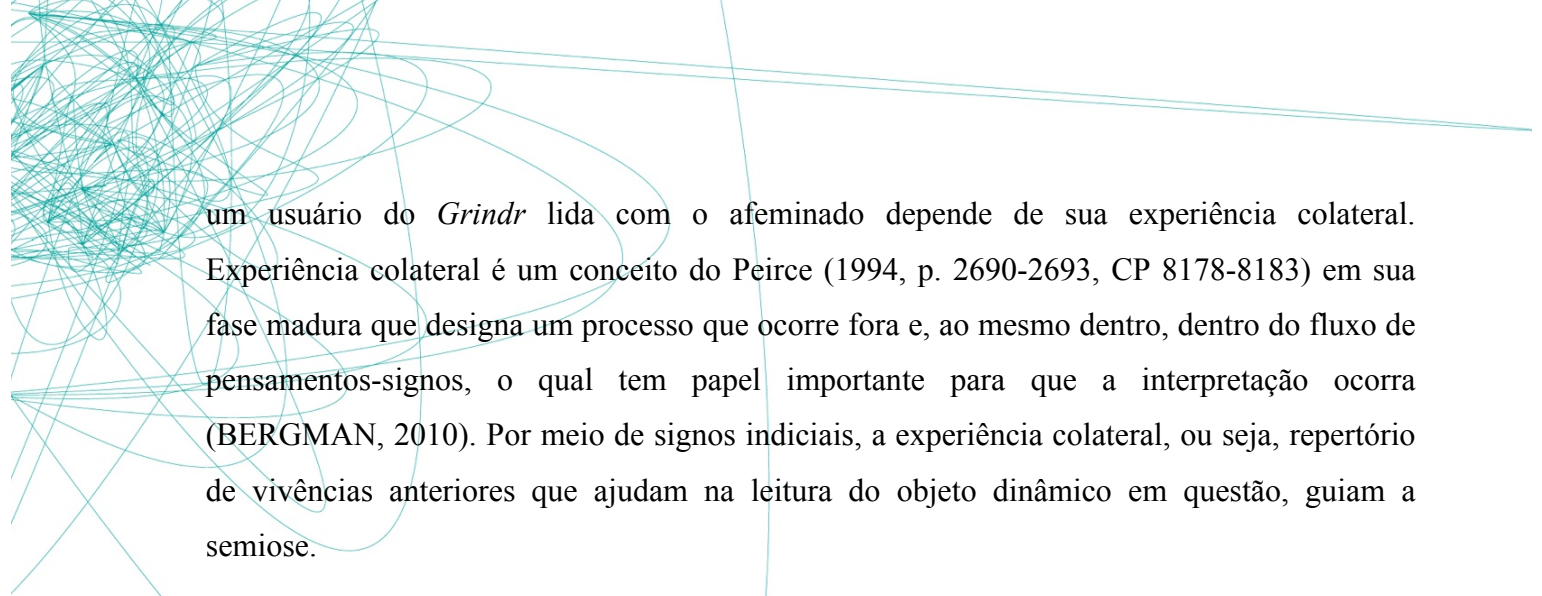
em um modelo heterocentrado, em que a heterossexualidade é a orientação sexual natural e correta (PRECIADO, 2014).

Os homens que se relacionam com homens, sobretudo os homossexuais masculinos, neste cenário, teriam falhado na gestão de sua masculinidade viril e atravessado esta linha. Considerados historicamente como pecadores, criminosos, doentes e pervertidos, tais homens teriam se rebaixado na escala de privilégios por supostamente aproximarem-se do feminino (FONE, 2000). Sobre isso, há na contemporaneidade certa expectativa social por higienização gay, de forma que essas pessoas se encaixem em critérios de masculinidades hegemônicas. O problema não seria, pois, ser homossexual ou ter práticas homossexuais, mas cruzar a linha do dualismo de gênero, comportar-se femininamente, demonstrar afetos entre os pares publicamente (BORRILLO, 2010).

Tal pensamento não é exclusivo de pessoas com práticas apenas heterossexuais e mostra-se presente internamente, entre os próprios homens que se relacionam com homens. Como afirma Borrillo (2010: 100), “em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores”. No *Grindr*, tal movimento pode ser observado. Em estudo realizado no Rio de Janeiro, que investiga o *Grindr* e outros aplicativos afins, Bonfante retrata que vários usuários fazem “um contínuo esforço de ataque a estereótipos homoafetivos, apreço por valores heteronormativos e reprodutivos como um moralismo sexual, e reiteração muito direta de seu não pertencimento ao código-território em questão” (BONFANTE, 2016: 161). A experiência colateral, formada a partir de vivências sociais e culturais que constroem ideologicamente as práticas afetivas e sexuais homossexuais como negativas, é tão forte nesses usuários que acaba por orientar suas semioses.

Nesse contexto, autoconstruir-se com signos ligados a masculinidades hegemônicas – como força e virilidade – e ideais heterocentrados, como ser alguém que busca apenas sexo e nada afetivo entre machos, daria maior garantia de atrair o interesse de usuários no aplicativo, ainda que face a face não se efetivasse o mesmo. A valorização do macho e a aversão ao afeminado surgem como dois lados da mesma moeda, duas figuras construídas como antônimos nos perfis do *Grindr*, como se as masculinidades fossem fixas, estáveis, não negociáveis e não sobrepostas.

As autoexpressões no *Grindr* são signos que falam sobre ser um tipo ou outro de homem e são codificados e decodificados a partir de experiências anteriores. O modo como



um usuário do *Grindr* lida com o afeminado depende de sua experiência colateral. Experiência colateral é um conceito do Peirce (1994, p. 2690-2693, CP 8178-8183) em sua fase madura que designa um processo que ocorre fora e, ao mesmo tempo, dentro do fluxo de pensamentos-signos, o qual tem papel importante para que a interpretação ocorra (BERGMAN, 2010). Por meio de signos indiciais, a experiência colateral, ou seja, repertório de vivências anteriores que ajudam na leitura do objeto dinâmico em questão, guiam a semiose.

Socialmente, somos criados para entender que alguns signos comportam-se bem quando atrelados ao masculino e outros, ao feminino. Desde crianças, somos levados a associar roupas apertadas e curtas a mulheres, por exemplo. Quando um usuário do *Grindr* constrói-se significativamente colocando uma foto de perfil em que se veste assim, um processo semiótico é desencadeado nos intérpretes, processo influenciado pela experiência colateral (PEIRCE, 1994). Pela lógica hegemônica, a significação se daria neste sentido: estar de roupa apertada e curta é coisa de mulher; se este homem veste-se assim, ele é afeminado; se ele é afeminado, ele é um homem que falhou na gestão de sua masculinidade. Contudo, se outras experiências que os intérpretes vivenciaram possibilitaram que eles vissem naquele signo um traço de estilo e/ou esforço de quebra de dualismo de gênero, a indumentária será vista de modo distinto. A experiência colateral, por meio de signos indiciais, lerá o objeto dinâmico em outra característica, de modo que o signo representará o objeto em outra instância. É isso que nos interessa neste trabalho, que tem como objetivo investigar a mediação que envolve a figura do afeminado no *Grindr*.

Metodologicamente, valemo-nos do conceito de mediação como operador analítico e metodológico. Na matriz peirciana, a mediação é um efeito de relacionarmos ideias, por meio das quais passamos por um processo de significação. Falar em mediação é pensar em semiose e ação sónica, ou seja, o desencadeamento cognitivo decorrente da relação entre signos, incluindo os interpretantes (SANTAELLA; NÖTH, 2004). Analisaremos qualitativamente, pois, autoconstruções sónicas do *Grindr* e de que modo elas ativam questões sobre o afeminado, sendo por meio da incorporação ou negação de signos ligados a essa figura. Fizemos a coleta de 100 perfis exploratória e experimentalmente na cidade de Belo Horizonte, quantidade máxima que o aplicativo permite que tenhamos acesso em sua versão gratuita, dos quais selecionamos os 9 mais representativos em relação ao nosso problema de pesquisa, ou seja, aqueles que possibilitam um olhar sobre a figura do afeminado. Tal coleta foi realizada

dentro na Universidade Federal de Minas Gerais em dia de aula, local e tempo em que diversos usuários circulam pela região.

Que mediação é essa do afeminado? Autoconstruções e signos de (não) masculinidades

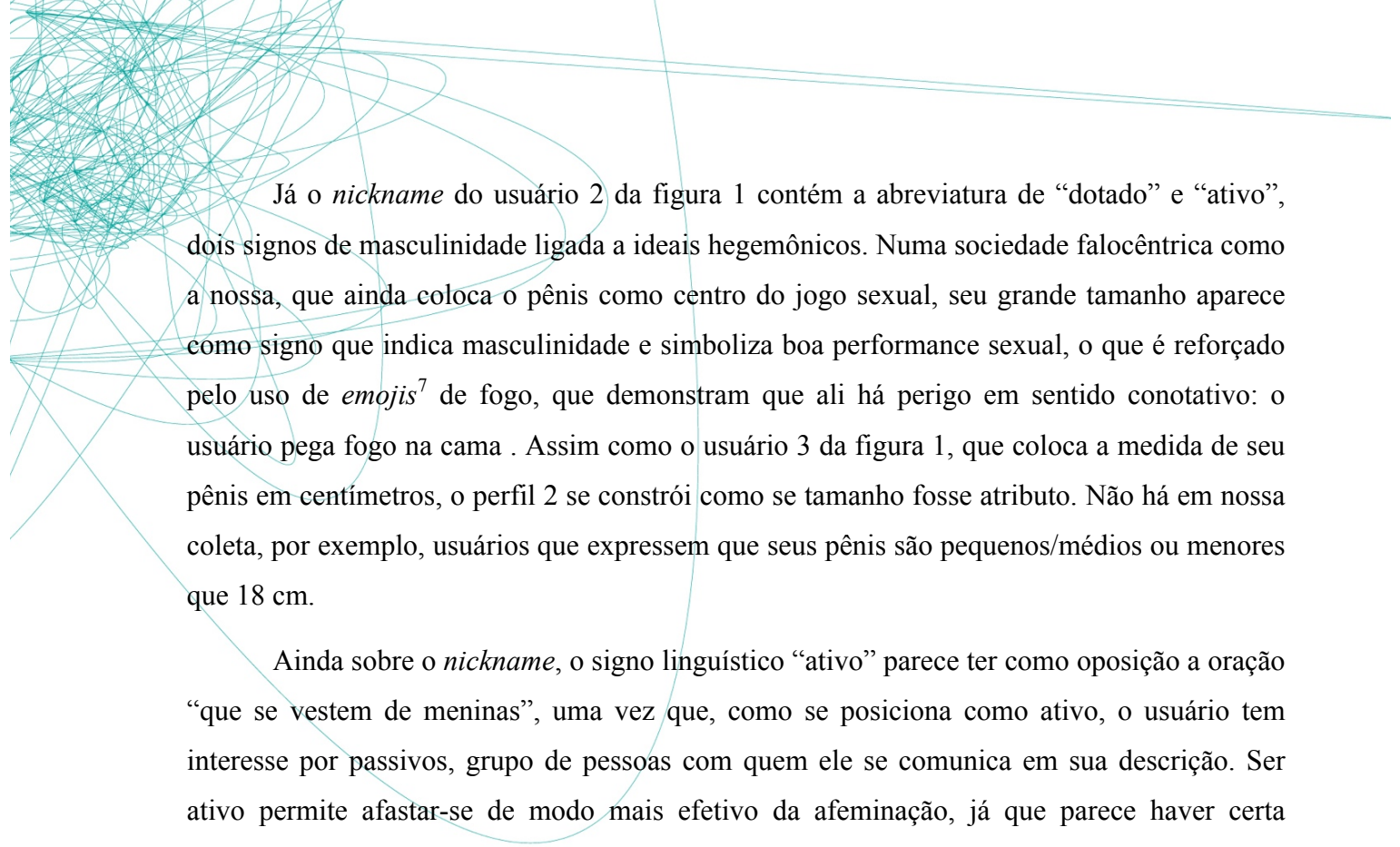
No perfil 1 da figura 1⁶, seu *nickname* é “*bromance*”, signo linguístico que codifica a união de duas palavras: romance entre *brothers*. “*Brother*” é uma palavra em inglês que conota parceria masculina e tem a ver com relação de grande amizade estabelecida entre dois homens, utilizada usualmente no meio heterossexual. Reparemos que não existe uma palavra criada que signifique “romance entre homens” ou “romance entre gays”, de modo que podemos pensar na força ideológica que “*bromance*” tem enquanto construção lexical. A semiose ligada a esse signo tem apoio em uma cultura de dualismo de gênero, em que homens são seres racionais, pouco afetivos, não dados à demonstração pública de carinho, sobretudo entre eles. Ao falar o que procura e fazer uso de reticências e de aspas para designar “*brother*”, é como se o usuário suavizasse seus anseios: embora ele procure um parceiro sexual, ele diz procurar um “irmão”, um grande amigo. O uso deste signo aparece, pois, como um índice de masculinidade hegemônica, sobretudo com o apoio de “discreto”, que aparece duas vezes, uma delas no aumentativo, outro signo relacionado ao modo de ser homem dominante. Se no diminutivo, “discreto” daria a ideia de inferioridade, feminilidade ou, até mesmo, desprezo.

Figura 1 – perfis coletados no *Grindr*



Fonte: coleta própria

⁶ Adotando uma postura ética, em que a identidade dos usuários deve ser preservada, cortamos a parte que mostra a distância dos usuários, na medida em que dissemos o local de nossa coleta. Além disso, aplicamos o efeito limiar do *Photoshop* nas fotos dos usuários, de modo que não seja possível o seu reconhecimento. Os perfis que mostram foto de rosto tiveram um efeito de desfoque reforçado e os *nicknames* que contêm nome próprio ou letras iniciais de nomes próprios foram também desfocados, o que não permitiu sua leitura.



Já o *nickname* do usuário 2 da figura 1 contém a abreviatura de “dotado” e “ativo”, dois signos de masculinidade ligada a ideais hegemônicos. Numa sociedade falocêntrica como a nossa, que ainda coloca o pênis como centro do jogo sexual, seu grande tamanho aparece como signo que indica masculinidade e simboliza boa performance sexual, o que é reforçado pelo uso de *emojis*⁷ de fogo, que demonstram que ali há perigo em sentido conotativo: o usuário pega fogo na cama. Assim como o usuário 3 da figura 1, que coloca a medida de seu pênis em centímetros, o perfil 2 se constrói como se tamanho fosse atributo. Não há em nossa coleta, por exemplo, usuários que expressem que seus pênis são pequenos/médios ou menores que 18 cm.

Ainda sobre o *nickname*, o signo linguístico “ativo” parece ter como oposição a oração “que se vestem de meninas”, uma vez que, como se posiciona como ativo, o usuário tem interesse por passivos, grupo de pessoas com quem ele se comunica em sua descrição. Ser ativo permite afastar-se de modo mais efetivo da afeminação, já que parece haver certa associação heterocentrada entre mulher/passividade – homem/atividade (BORRILLO, 2010). É como se tal perfil expressasse que não adianta ter um corpo musculoso que acompanha ideias de masculinidade (“saradinhos”) se seu comportamento e seu modo de vestir forem femininos. Ainda sobre isso, a foto do usuário oferece signos verbais, “Ironia & Sarcasmo & Mau humor & Indiferença”, cuja mediação culmina na significação da personalidade ligada à figura do macho, homem grosseiro, direto, meio malandro e naturalmente sexual, processo cognitivo também desencadeado a partir de “Ou dá ou desce”. Tal modo de construir-se significativamente omite uma marca mais subjetiva se si, como foto pessoal ou nome próprio: a prerrogativa de anonimato no *Grindr* permite um ser mais flexível e, ora, menos decoroso.

No perfil 3 da figura 1, assim como no 1, encontramos uma foto que focaliza o peitoral, parte do corpo biológico masculino que se diferencia do feminino, o qual possui seios. A diferenciação parece se intensificar quando músculos entram em questão, signo socialmente atribuído à figura masculina. A mediação da foto de um homem musculoso desencadearia uma semiose ligada à força, socialmente vista como não feminina, e despertaria outros signos de masculinidades mais ligados aos hegemônicos, vistas como heterossexuais. Há uma experiência colateral imbricada nas semioses dos usuários do *Grindr*, daí a importância de entendermos que as semioses não são puras e brutas, uma vez que existe a influência de signos indiciais para que o objeto dinâmico seja acessado e um processo de significação ocorra. Mais que isso, um corpo musculoso afastar-se-ia da ideia de doença e,

⁷ Ilustrações utilizadas amplamente em ambientes digitais e fazem vez de palavras e emoções.

como um corpo modelar, do HIV e dos comportamentos indisciplinados ligados à visão estereotipada de pessoas homossexuais (MISKOLCI, 2015). Na década de 70 e 80, quando a Aids virou uma epidemia e passou a ser ligada diretamente às práticas homossexuais, corpos gays adoeciam e tornavam-se magros. Como não havia um tratamento eficiente, a solução médica proposta foi a do uso de esteroides e estímulo à musculação, assim a aparência do soropositivo seria diferente.

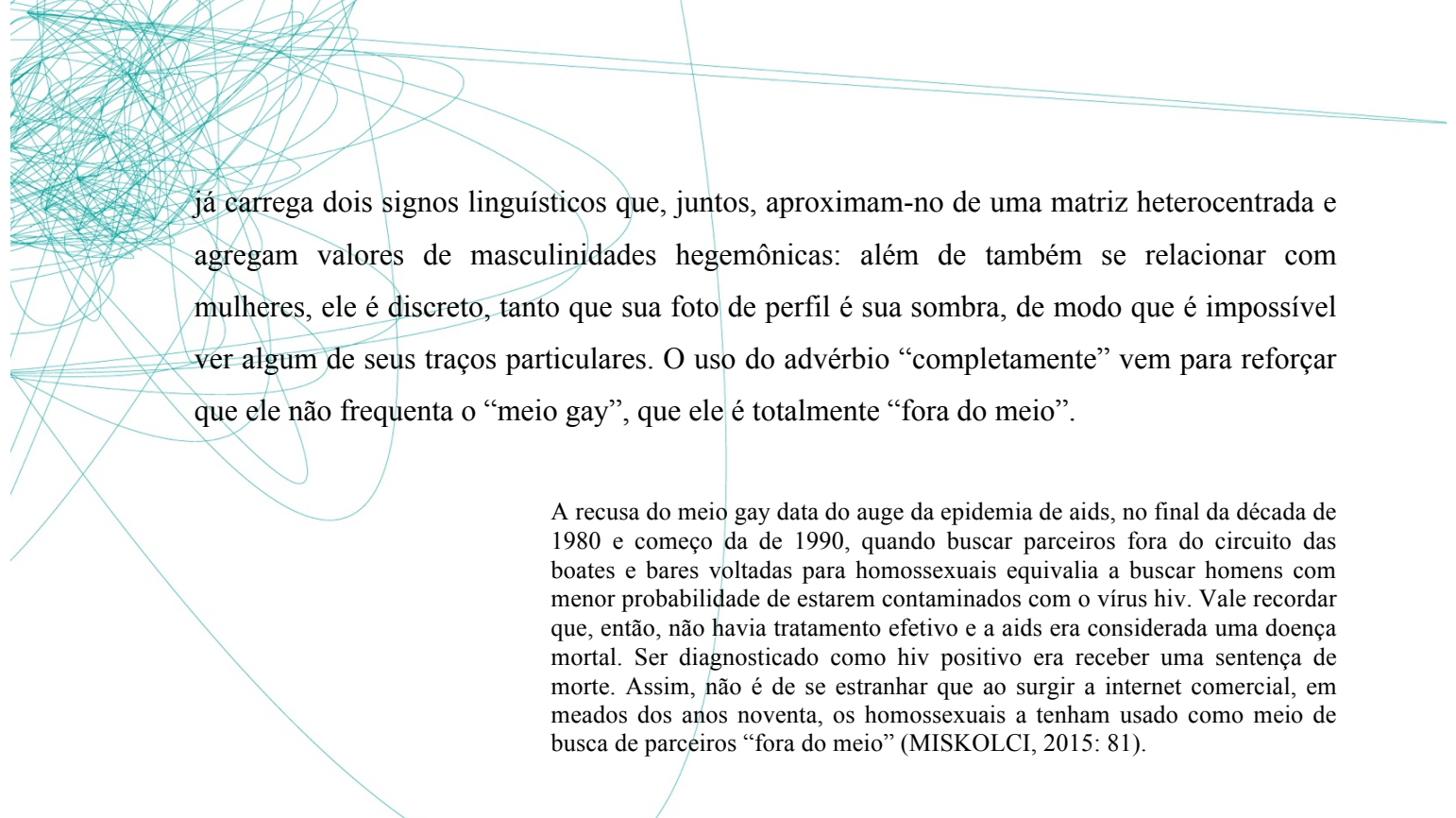
Figura 2 – perfis coletados no *Grindr*



Fonte: coleta própria

Nos perfis da 1 e 2 da figura 2, algumas semelhanças chamam a atenção. O uso redundante do signo linguístico “discreto” tem um papel de mediação na semiose a fim de que apenas usuários que comportem esta característica sejam dignos de interação, o que inclui os próprios donos dos perfis, que não possuem fotos e não mostram algum indício de individualidade visual. Este signo medeia incessantemente, pois, uma relação de seletividade, que tem apoio em “com discrição total” e “em busca do mesmo tipo”: há o requisito de ser discreto para que uma efetiva comunicação possa ter início, ou seja, o interlocutor não pode ser afeminado, figura que publicamente pode ser reconhecida como desviante de masculinidades hegemônicas. O afeminado, nesse sentido, bagunçaria as normas de gênero e permite que crenças sejam questionadas, colocando em xeque semioses mais engessadas sobre sexualidade. Ser afeminado é não ser um “cara com jeito de homem”, signo de masculinidades hegemônicas tão valorizado no *Grindr*: “o jeito, postura corporal investida de sentidos sociais, é invocado nos apps como signo de desejabilidade – quando indexicaliza masculinidade – e de abjeção – quando indexicaliza feminilidade” (BONFANTE, 2016: 204).

O usuário 3 da figura 2 se autoconstrói significativamente como um homem que, apesar de ter práticas sexuais com outros homens, não se parece com um homossexual. Seu *nickname*



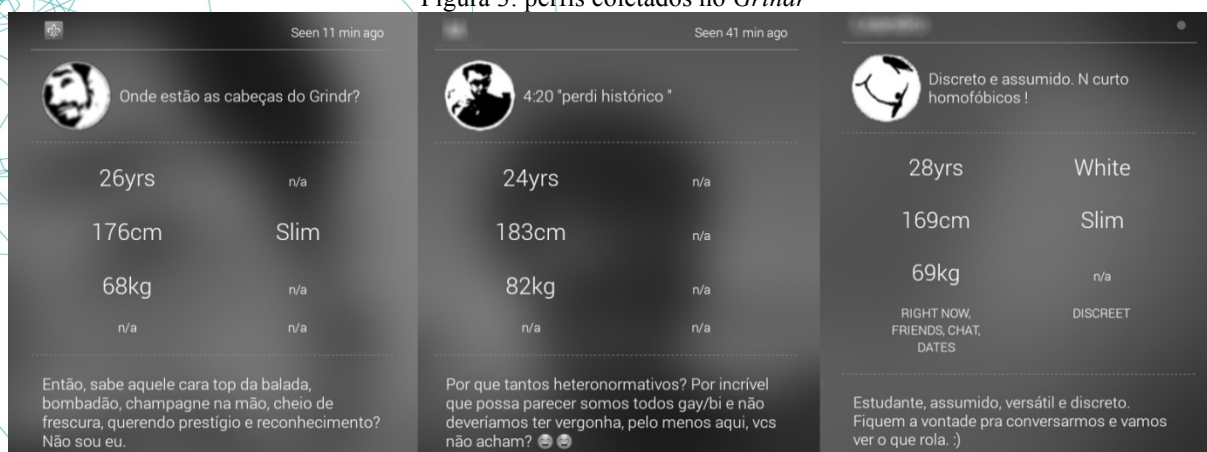
já carrega dois signos linguísticos que, juntos, aproximam-no de uma matriz heterocentrada e agregam valores de masculinidades hegemônicas: além de também se relacionar com mulheres, ele é discreto, tanto que sua foto de perfil é sua sombra, de modo que é impossível ver algum de seus traços particulares. O uso do advérbio “completamente” vem para reforçar que ele não frequenta o “meio gay”, que ele é totalmente “fora do meio”.

A recusa do meio gay data do auge da epidemia de aids, no final da década de 1980 e começo da de 1990, quando buscar parceiros fora do circuito das boates e bares voltadas para homossexuais equivalia a buscar homens com menor probabilidade de estarem contaminados com o vírus hiv. Vale recordar que, então, não havia tratamento efetivo e a aids era considerada uma doença mortal. Ser diagnosticado como hiv positivo era receber uma sentença de morte. Assim, não é de se estranhar que ao surgir a internet comercial, em meados dos anos noventa, os homossexuais a tenham usado como meio de busca de parceiros “fora do meio” (MISKOLCI, 2015: 81).

Nesse sentido, a mediação do signo “fora do meio” gera interpretantes, como: 1) estar distante da cultura gay, seguir comportamentos heterossexuais e, logo, não ser afeminado e 2) estar menos propenso ao HIV e à estereotipada promiscuidade homossexual masculina. Quando o usuário expressa que ninguém desconfia dele, é como se ele oferecesse aos seus interlocutores um certificado admirável de “masculinidade”, que é tão forte que não permite que outras pessoas tenham semioses que signifiquem suas práticas homossexuais, vividas privadamente.

Nos perfis anteriores, embora o signo linguístico “afeminado” não apareça diretamente, ele está lá a partir de seu oposto, reforçando a mediação que envolve a figura do afeminado pelo seu antagonismo: um afeminado não é discreto, sigiloso, *brother*, tampouco tem jeito de homem ou é fora do meio. Ainda que não tenhamos em nossa amostra um perfil de usuário que se afirme enquanto afeminado, há outros que apontam para a crítica de ideias dominantes de masculinidade e, de modo ora indireto, para a figura do macho.

Figura 3: perfis coletados no *Grindr*

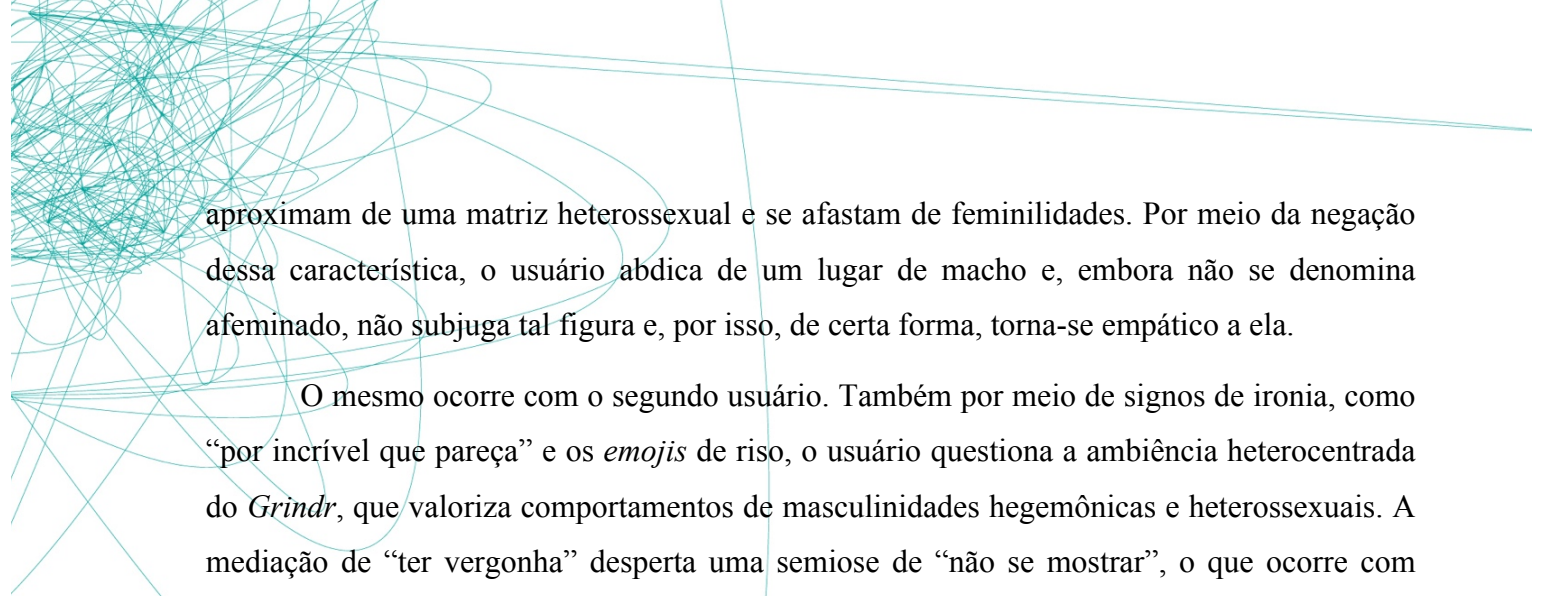


Fonte: coleta própria

Se pensássemos apenas pela lógica de uma experiência colateral dominante, fortemente circundada de questões sociais e culturais ideológicas, todos os perfis seriam similares: valorizariam masculinidades hegemônicas, seriam heterocentrados e reprovavam sinais de feminilidade. No entanto, a semiose é ilimitada e está propensa a mudanças e questionamentos, fazendo com que novos interpretantes emergjam. Existem hábitos que passam por mudanças, novas experiências que promovem o questionamento de crenças e masculinidades subordinadas que surgem para colocar normas em xeque.

Os perfis 1 e 2 da figura 3 estão inseridos nesse contexto. Ambos têm como foto principal apenas o rosto, sem exibir qualquer outra parte do corpo. A face, enquanto signo de individualidade, mostra aos interlocutores sinais de particularidade e pessoalidade. Caso alguém veja esses dois usuários na rua, será possível identifica-los, diferentemente do que aconteceria se colocassem fotos de alguma parte de seus corpos, como boa parte de nossa coleta se autoconstrói. Dar-se a ver pelo rosto é deixar sua identidade visível e, em alguma medida, não ser “discreto”.

No primeiro perfil, a *headline* do usuário deixa uma ironia crítica ao indagar sobre onde estariam as cabeças do *Grindr*, culminando em um processo de significação que pode gerar outras perguntas, como “Por que tantos discretos?”. Esta crítica se torna ainda mais aparente quando, também por meio de ironia, o usuário descreve uma pessoa, diferente dele, a partir de signos de masculinidades hegemônicas e heterocentradas. “Top”, por exemplo, tem sido largamente utilizada por heterossexuais para designar algo muito interessante e incorporado humoristicamente pela cultura homossexual como deboche, como se falar tal palavra fosse sinônimo de não parecer mais gay ou lésbica. “Bombadão”, em sentido similar, transmite a ideia de academia, força, músculo e virilidade, índices de macheza, que se



aproximam de uma matriz heterossexual e se afastam de feminilidades. Por meio da negação dessa característica, o usuário abdica de um lugar de macho e, embora não se denomina afeminado, não subjuga tal figura e, por isso, de certa forma, torna-se empático a ela.

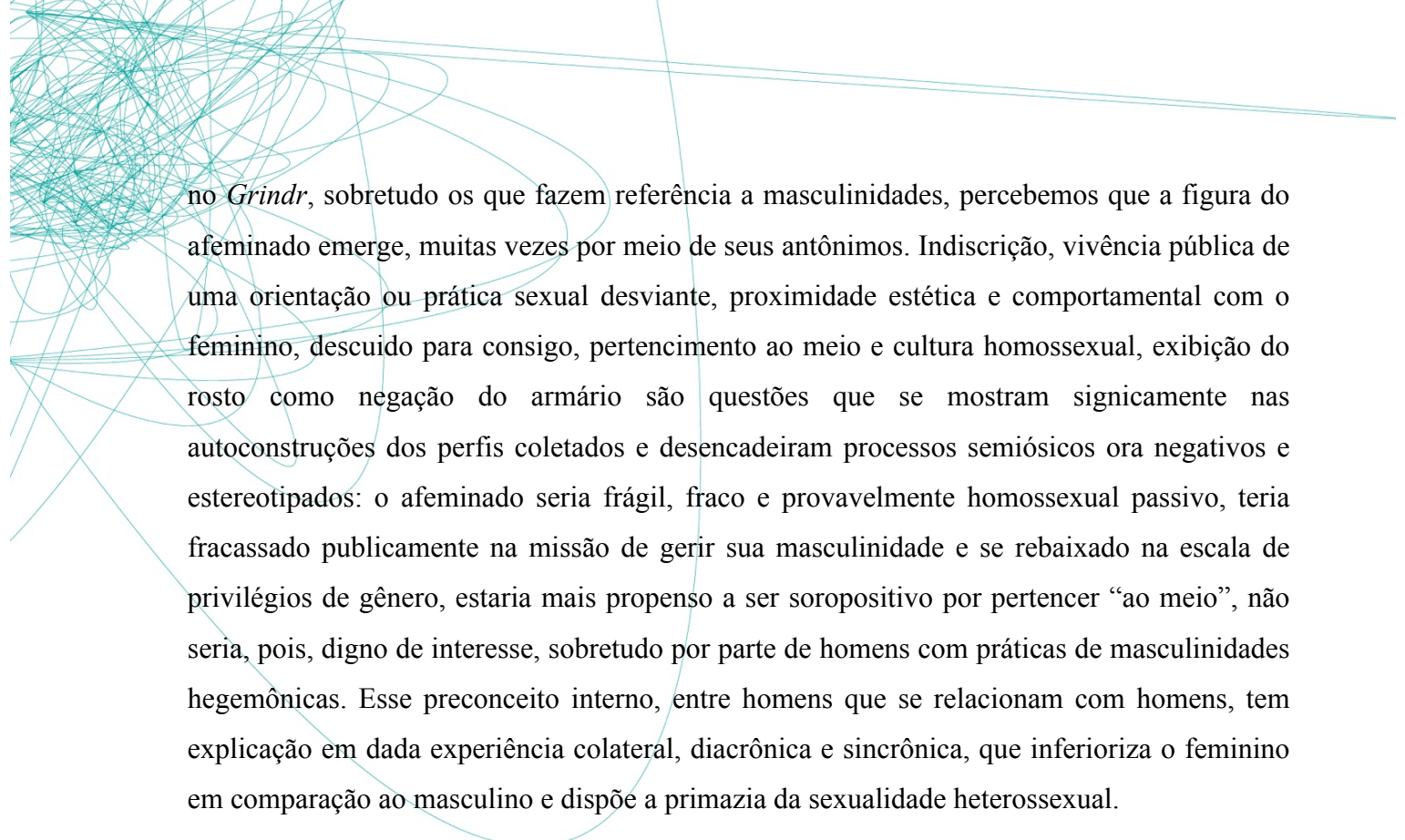
O mesmo ocorre com o segundo usuário. Também por meio de signos de ironia, como “por incrível que pareça” e os *emojis* de riso, o usuário questiona a ambiência heterocentrada do *Grindr*, que valoriza comportamentos de masculinidades hegemônicas e heterossexuais. A mediação de “ter vergonha” desperta uma semiose de “não se mostrar”, o que ocorre com muitos dos usuários do *Grindr*: não há nomes ou fotos de rosto em seus perfis, como se suas práticas homossexuais fossem vergonhosas e devessem ocorrer apenas privadamente.

Dialogando com Connell e Messerschmidt (2013), podemos afirmar que masculinidades não são excludentes: não há a figura do supermacho e a do hiperafeminado, hipérbole que parece ser construída no *Grindr*. Os modos de ser homem se sobrepõem, são negociados em cada situação. Via chat, autoconstruções sígnicas, ora tão engessadas, podem ser flexibilizadas por ser aquele um espaço de comunicação direta entre um usuário e outro. Alguém que se autodenomina macho, por exemplo, pode afrouxar seus signos hegemônicos ao deparar-se com um usuário que chame sua atenção e que clame por relações menos heterocentradas. Atentemos para o usuário 3 da figura 3, que se afirma como discreto e, ao mesmo tempo, assumido; que não mostra seu rosto em sua foto (sinal de discrição), mas, ao mesmo tempo, coloca um nome próprio como *nickname* (marca de individualidade). Sua autoconstrução demonstra que masculinidades são mais fluidas e o *Grindr*, além de ser um espaço de disputa sexual, é também um campo de negociação na autocriação.

Semiose possível a partir deste perfil é que a figura do afeminado não é rechaçada, tampouco valorizada, mas demarca sua existência. Ao falar que não curte homofóbicos, o usuário diz de outros usuários que, ali no *Grindr*, desrespeitam homens homossexuais ou homens que se portam como homossexuais. O preconceito não seria, pois, em relação à prática homossexual, já que todos os usuários ali a realizam ou têm essa intenção, mas a masculinidades subordinadas, muito atreladas à figura do afeminado.

Considerações finais: a mediação ligada ao afeminado

A mediação peirciana, pensada enquanto ação sígnica e associada à semiose, culmina em significação, etapa cognitiva da experiência que desemboca na construção do conhecimento (SANTAELLA; NÖTH, 2004). Partindo de signos mediadores que aparecem



no *Grindr*, sobretudo os que fazem referência a masculinidades, percebemos que a figura do afeminado emerge, muitas vezes por meio de seus antônimos. Indisciplina, vivência pública de uma orientação ou prática sexual desviante, proximidade estética e comportamental com o feminino, descuido para consigo, pertencimento ao meio e cultura homossexual, exibição do rosto como negação do armário são questões que se mostram significativamente nas autoconstruções dos perfis coletados e desencadearam processos semióticos ora negativos e estereotipados: o afeminado seria frágil, fraco e provavelmente homossexual passivo, teria fracassado publicamente na missão de gerir sua masculinidade e se rebaixado na escala de privilégios de gênero, estaria mais propenso a ser soropositivo por pertencer “ao meio”, não seria, pois, digno de interesse, sobretudo por parte de homens com práticas de masculinidades hegemônicas. Esse preconceito interno, entre homens que se relacionam com homens, tem explicação em dada experiência colateral, diacrônica e sincrônica, que inferioriza o feminino em comparação ao masculino e dispõe a primazia da sexualidade heterossexual.

Percebemos, no entanto, deslocamentos que fazem com que as construções signílicas de si passem por reconfigurações. Há perfis que se afastam de signos de masculinidades hegemônicas e, desse modo, mostram que o afeminado e/ou masculinidades subordinadas existem e que isso não é um problema, ora criticando modos dominantes de ser homem. Nesse sentido, nosso interesse com este artigo é também político: questionar o modo como o aplicativo reforça e supervaloriza a autoconstrução de si pautada na masculinidade hegemônica. Quando mudanças sociais vão ocorrendo rumo à igualdade de gênero e de orientação sexual, a experiência colateral, por meio de seus signos indiciais, começa a ler o objeto dinâmico em outras características, de modo que o signo o representará em outras instâncias. No caso da figura do afeminado, é como se o processo de significação também fosse em direção a questões positivas, como autenticidade, liberdade, subversão, quebra do dualismo de gênero.

A semiótica é ilimitada, crenças estão sujeitas a mudanças, novas experiências criam um renovado repertório. O que hoje é verdadeiro para alguns usuários, pode não o ser futuramente, uma vez que, como Peirce (1994, p. 60-69, CP 1141-1175) estabeleceu, o falibilismo é uma das características de seu pragmatismo. A emergência de autoconstruções signílicas que questionam as normas de gênero e põem em xeque ideais heterocentros influenciam semioteses, o que permite que processos abducativos possam modificar a ainda grande negatividade ligada à figura do afeminado. Desse modo, semioteses são aprimoradas e hábitos, reconduzidos, como os de gênero e de masculinidades.

Referências

- BERGMAN, C. Peirce on interpretation and collateral experience. **Signs**, Dinamarca, v. 4, p. 134-161, 2010.
- BONFANTE, G. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**: performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2016.
- BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- COLAPIETRO, V. Ubiquitous mediation and critical interventions: reflections on the function of signs and purposes of Peirce's semeiotic. **International Journal of signs and semiotics systems**. vol 1, issue 2, 2011.
- CONNELL, R; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, nº 1, p. 241-82, 2013.
- FONE, B. **Homofobia**: uma historia. México: Editorial Océano de Mexico, 2000.
- MISKOLCI, R. "Discreto e fora do meio" – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, vol. 1, n. 44, p. 61-90, 2015.
- PEIRCE, C. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- _____. The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. In: DEELY, John. **Peirce**: CP Editorial Introduction to Electronic Edition. Past Masters Introduction, 1994.
- PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SANTAELLA, L; NÖTH, W. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004.
- WEEKS, J. **Sexualidad**. México: Paidós-UnaM- PUEG, 1998.



semeiosis